

O QUE SERÁ O AMANHÃ?

AMÓS COELHO DA SILVA (UERJ E ABRAFIL)

1 – Introdução

O sopro tem significação universal de princípio de vida, com múltiplas extensões simbólicas entre os povos da Terra. Em grego, πνεῦμα (pneûma), em latim, *spiritus*, tanto Chantraine quanto Ernout e Meillet comentam características onomatopaicas, principalmente na forma verbal, sem nos apresentar uma raiz indo-europeia em que repouse a sua base semântica. Há no sopro um nível simbólico bastante curioso: *o sopro que sai das narinas de Jeová (ruá) significa o exercício de sua força criadora.* (CHEVALIER & GHEERBRANDT, 1994: SOPRO) Assim, em *Gênesis 2, 7* (A formação do homem), lemos: *Então, formou-se o Senhor Deus ao homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente.*

O sopro e palavra se unem em momentos sagrados, como se verá na consulta de Eneias a Apolo. Destaquemos da Bíblia a expressão do nome. Nos Salmos, o *Nome* é uma invocação, cujo efeito é total identificação com a própria *Divindade*, o que explica os múltiplos eufemismos, ora atenuando o poder de Lúcifer (formado de *lux*, *lucis*, luz e de *ferre*, levar), por exemplo, por evitar a citação de seu *Nome* substituindo-o por um outro, ora cumprindo um mandamento divino de dizer o *Nome* de Deus em vão. Afinal de contas a grandeza da luz está no *Verbo*. O cumprimento da profecia ocorre pelo *Nome*: *“Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e ele será chamado pelo nome de Emanuel (que quer dizer: Deus conosco).”*(Mt 1,23)

As profetisas lendárias são denominadas por *pítia* ou *sibila* e tinham por missão a revelação do futuro. Fazem-se muitas referências à bruxa como personagem medieval, mas Medeia com seu caldeirão praticou bruxaria, embora fosse uma princesa lendária da Cólquida. Sibila ou Pítia simboliza um ser elevado numa condição transcendente e consegue comunicação com o divino para transmitir mensagens proféticas que revelam o futuro. Trata-se de uma personalidade, cuja sabedoria espiritual é comparável aos apóstolos da Bíblia: *Por isso, não se deixou de ligar a número das doze sibilas ao dos doze apóstolos e de pintar e esculpir as suas efígies nas igrejas.* (CHEVALIER & GHEERBRANDT, 1994: SIBILA)

Pítia deriva de *Pítion*, um dragão fêmea mítico, que perseguiu Leto, a mãe dos gêmeos Apolo e Ártemis. Pítion foi morto por Apolo que lhe retirou a pele e cobriu com ela a trípole de bronze, onde sentava-se a Pítia ou Pitonisa, possuída por Apolo, para responder as consultas aos que reverenciavam Apolo. São os textos do historiador Heródoto que fizeram conhecidos os oráculos da cidade de Delfos, a qual já não existe mais e onde havia um templo das profecias apolíneas. Aí também, ao sopé do monte Parnaso havia um espaço para que se celebrassem *Os Jogos Píticos*, em honra de Apolo.

Um dos epítetos de Apolo é *Lóxias*, que significa *obliquo, equívoco* (BRANDÃO, 1987: 86). Creso (século VI), rei da Lídia, consultou a Pitonisa de

Apolo, quando estava em guerra com Ciro, rei da Pérsia. Quis saber dela sobre *a destruição de um grande império*. E ouviu que *Se Cresos cruzar o rio Hális, destruirá um grande império*. Cresos supôs que o império a ser destruído seria o do seu inimigo, rei Ciro da Pérsia, mas não foi. O dele é que foi dizimado.

Conta-se, ainda, que Cresos também se tornou famoso pelas suas riquezas. Na embriaguez de sua felicidade, consultou a Sólon (640 a 558 a.C.), o que seria *(cronologicamente impossível)* (HARVEY, 1987: CROISOS) se havia homem mais feliz do que ele. Como resposta, ouviu que nenhum homem poderia ser feliz antes da morte. Esse mesmo entusiasmo é que se nota em Natividade. Machado de Assis comenta o seguinte sobre a recepção da resposta da cabocla Bárbara do Morro do Castelo:

Todos os oráculos têm o falar dobrado, mas entendem-se. Natividade acabou entendendo a cabocla apesar de lhe não ouvir mais nada: bastou saber que as cousas futuras seriam bonitas, e os filhos grandes e gloriosos para ficar alegre e tirar da bolsa uma nota de cinquenta mil-réis. Era cinco vezes o preço do costume, e valia tanto ou mais que as ricas dádivas de Cresos a Pítia. (Capítulo II)

Depois de vencido, o prisioneiro Cresos foi identificado como um rei grego perante a sede de vingança do rei Ciro, porque um filho seu, que era mudo, recuperou a fala de repente com a exclamação: “Soldado, não mates Cresos!” e, sem querer, com isso, o condenou à morte. Prestes a arder na fogueira, lembrou-se das palavras de Sólon, pronunciou o nome deste três vezes. Ao ouvi-lo, Ciro, que dele ouviu todo o episódio de Sólon, lhe perdoou e, por causa de sua dura experiência, o integrou no Conselho dos sábios.

A transliteração do grego *Sybilla*, *Sibila*, é de etimologia desconhecida; é um sinônimo de Pitonisa. A profetisa de Apolo tem um alcance de mil anos nas suas previsões. Junito Brandão (1993: SIBILA) nos explica que, em função das variantes míticas, o que, aliás, constitui o próprio pulmão do mito, e devido às funções da Sibila *em várias partes do Oriente e do Ocidente helenizado, recebeu nomes diferentes* (Ibidem), conforme o lugar das profecias, assim tem-se *Ciméria*, na região do Quersoneso Táurico, *Cumana*, em Cumas, sul da Itália, *Délfica*, em Delfos etc. Cassandra, filha do rei de Troia Príamo e Hécuba, foi uma sacerdotisa tão inspirada como a Pítia ou Sibila, embora tivesse recebido diretamente de Apolo o dom do êxtase e entusiasmo, por que ela renegou a paixão de Apolo, este cuspiu em sua boca e, não podendo retirar-lhe o dom, pelo menos, doravante, tudo que profetizasse, não seria acreditado. Ela, ao lado de Laocoonte, lutou em vão para que os troianos não deixassem o cavalo de Tróia entrar na cidade, porque era uma cilada dos gregos; um outro filho de Príamo é o Heleno que foi adivinho também.

Uma das Sibilas mais famosa foi a de Éritras. Identificou-se como a Sibila de Cumas que proferiu oráculos sobre o futuro da poderosa Roma, em hexâmetros datílicos, na *Eneida*, de Vergílio, 6, 46 -53:

(...)Cui talia fanti
 ante fores subito non voltus, non color unus,
 non comptae mansere comae; sed pectus anhelum,
 et rabie fera corda tument; maiorque videri,
 nec mortale sonans, adflata est numine quando
 iam propiore dei. “Cessas in vota precesque,
 Tros” ait “Aenea? Cessas? Neque enim ante dehiscunt
 attonitae magna ora domus.”

(...) Ao proferir tais palavras

Diante da porta, subitamente o rosto desfigurado, sem uma única cor,
 Seus cabelos se eriçaram, o peito se tornou ofegante
 E o furor lhe penetrou no coração; pareceu crescer
 E sua voz perdeu a entonação humana.
 Quando se sentiu bafejada pela divindade do deus, agora mais próximo,
 vociferou:
 “Tu és demorado, troiano Eneias, em (fazer) votos e rogos?”,
 “Retardas? Por que, então, não se abriram antes (destas súplicas)
 Os grandes limites da casa espantosa?”

Note que traduzimos por “se sentiu bafejada pela divindade do deus” a expressão latina “adflata est numine dei”, ou seja, *adflata* é o particípio de *adflō / afflo, soprar* – quer dizer, o sopro divino ligado à palavra da Sibila. Apolo se encontra, ou se acha, dentro da Sibila. Ora, é este *afflare* que historicamente vai se resultar em nosso *achar*.

1.2 – Algumas características dos adivinhos

No Capítulo I, *Cousas Futuras*, Machado de Assis descreve a adivinha consultada por Natividade e acrescenta um traço: *O mistério estava nos olhos*.

Tomemos a etimologia do termo mistério: é um derivado do verbo grego ‘mýō’, “estar com a boca ou os olhos cerrados; estar silencioso”; o termo mistério se refere a culto secreto, para o qual não eram admitidos senão os iniciados. Os ritos sagrados são aprendidos em silêncio, de ouvido, já que ‘mystérion’, *mistério, significa “ação de calar a boca”* (BRANDÃO, 1992: MISTÉRIOS DE ELÊUSIS) e ‘mýstes’, *o que se fecha, o que guarda segredo, o iniciado*”. (Ibidem) Tirésias é um iniciado, um adivinho cego, que declarou a Édipo, que tinha uma visão normal, mas não enxergava nada. Édipo no fim da peça fura os olhos: nunca conseguiu enxergar o que acontecia: doravante, vai olhar para dentro. No início da tragédia, verso 374, diz Édipo que não poderia prejudicar a ele, Édipo, ou qualquer um que visse a luz, porque Tirésias era *(A)limentado pela noite sombria*.¹

1 Em francês, a tradução foi “subordinado”, mas o verbo grego é *τρέφει, trépheí, alimentar*.

Tirésias, porque vira Atená banhando-se nua na fonte de Hipocrene, foi castigado pela deusa com a cegueira. A deusa minimizou a punição concedendo-lhe o dom divinatório. *Tirésias, etimologicamente, (é) o que tem capacidade de visão, é a visão de dentro para fora...* (BRANDÃO, 1987: 176)

2 – *Cousas Futuras!* (Capítulo I)

No capítulo primeiro de *Esau e Jacó*, Machado de Assis faz referência à Pítia e recomenda a leitura de Ésquilo, destacando a peça trágica as *Eumênides*, a propósito da consulta que Natividade fará à adivinha Bárbara no Morro do Castelo. A expressão machadiana foi dada à estruturação das ansiedades humanas em saber o que será o amanhã. Se na Grécia antiga era a sorte, agora é um número de espera, e completa o Autor que se alcance a verdade nesta nova perspectiva para que *ninguém perca a sua vez de audiência* (Capítulo I). *Todos os oráculos têm o falar dobrado...* (Capítulo II)

Machado de Assis, no conto *A Cartomante*, incluído em *Várias Histórias*, retrata ironicamente essa angústia humana em querer desvendar o futuro. Começa citando a tragédia *Hamlet*, de William Shakespeare, apontando, em discurso indireto e sem a exatidão fixada na tradução tradicional, uma expressão de Hamlet para Horácio: *há mais cousas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia*, o que na narrativa dele, seria a explicação que Rita dava ao seu interlocutor Camilo, que, aliás, ria dela por ter consultado uma cartomante na véspera. O narrador focaliza momentos psicológicos de contradição de Camilo, que se sente assaltado pela recomendação de consultar também a cartomante e termina por fazê-lo. Consegue, inclusive, respostas que são confortáveis para sua atormentada mente naquele momento. O final, no entanto, não é feliz. O pessimismo machadiano percorre a narrativa e muitas são as insinuações em meio à ingenuidade e à malícia. Retrata alma humana na sua sinceridade e hipocrisia.

O romance machadiano dos gêmeos traz à baila as impressões humanas da realidade do mundo, na expressão da perspectiva do narrador, o Conselheiro Aires, que ora atua como uma personagem, vivenciando o drama em primeira pessoa, e, nestes momentos, com algumas digressões, dispondo ou invocando observações de um outro personagem ou de outra fonte, ora se distancia em terceira pessoa, narrando, mas cortando a sucessão narrativa para comentar, inserir pensamentos filosóficos, históricos, de outros poetas, de tal modo que dimensão do realismo, como moda literária, se esvai e o que condensa é a visão humana, como ele mesmo o disse em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, c. VII, *Delírio: (...) a vida tinha assim uma regularidade de calendário, fazia-se a história e a civilização, e o homem, nu e desarmado, armava-se e vestia-se (...)* Neste sentido, se instaura uma ambiguidade, dado o insólito na narrativa, na mesma medida em que o que deslocamos nas experiências existenciais, se condensa dentro de nossos interesses e desejos. Deslocamento e condensação formam um *complexio oppositorum, uma união dos contrários...* Assim, *Natividade deu o nome de batismo somente, Maria, como um véu mais espesso que o que trazia no rosto, e recebeu um cartão...* (Capítulo I)

O nome de batismo, dada a quantidade de “Marias”, que o narrador destaca, oculta, como *mais espesso* que é, sua classe social, com seus preceitos e preconceituosos religiosos. O narrador comenta ainda o número 1012, o que significa uma procura intensa da cabocla do Morro do Castelo: *a freguesia era numerosa (...)*. E o costume? Machado cita a famosa trilogia de Ésquilo, *Oréstia*, que reúne três tragédias: *Agamêmnon* (rei de Micenas, cidade riquíssima, por essa razão coube-lhe o comando dos gregos contra Tróia; *Coéforas* (que significa as portadoras das libações em honra do funeral de Agamêmnon) e *Eumênides* (em elementos latinos, corresponde as benevolentes, uma antífrase às Erinias, divindade tríplice da mitologia grega, que corresponde às Fúrias, na cultura latina.) Ainda invoca o leitor para relê as *Eumênides*, porque lá encontraremos a Pítia, organizando as consultas, apresenta também uma excelentetradução da invocação da Pítia: *Se há helenos, venham, aproximem-se, segundo o uso, na ordem marcada pela sorte...* Assinala Machado: *A sorte outrora, a numeração agora...* (Ibidem)

E para Natividade conquistar a realização do seu desejo usa um truque insinuado pelo narrador: *Natividade disse baixinho à outra que “a cabocla era simpática”, não tão baixo que esta não pudesse ouvir também; e daí pode ser que ela, receosa da predição, quisesse aquilo mesmo para obter um bom destino aos filhos.*

O espantoso foi a pergunta: *se os meninos tinham brigado antes de nascer.* Quando a cabocla indagou se Natividade não se lembrava, a nova mãe mergulhou em reflexões que deu coerência ao ponto da briga dos gêmeos ainda no ventre materno. Alguns instantes de ansiedade de Natividade e de agitação da cabocla culminaram na expressão da cabocla, dada a indagação e expectativa de Natividade: - *Cousas futuras! Murmurou finalmente a cabocla.* E após uma insistência de Natividade, a cabocla repetiu como início de resposta a própria pergunta da mãe ansiosa:

- Serão grandes, oh! grandes! Deus há de dar-lhes muitos benefícios. Eles hão de subir, subir, subir... Brigaram no ventre de sua mãe, que tem? Cá fora também se briga. Seus filhos serão gloriosos. É só o que lhe digo. Quanto à qualidade da glória, cousas futuras!

3 – As boas novas

No capítulo IV – *A missa do “coupé”*, há uma descrição breve de Santos, onde se evidencia a habilidade dele em ganhar dinheiro, o seu estabelecimento no Rio de Janeiro na época da *febre das ações* (conforme nota do editor: período de 1850-1855 em que houve financiamento de ações e enriquecimento rápido muita pessoas, embora empobrecesse outros). Nesse *struggle for life* temos as *grandes qualidades (de Santos) para ganhar dinheiro depressa*. Ironia machadiana fica realçada por essa habilidade de ganhar dinheiro à custa da ruína dos outros, pelo clima espiritual da consulta à cabocla do Morro do Castelo, além da ocasião de encomendar e assistir a uma missa, bem como no final desta fazer uma espórtula tão generosa: uma nota de dez mil-réis (a de Natividade foi *uma pratinha de cinco tostões*), pela *alma de João*

de Melo, que era um parente seu, e cito ainda a referência machadiana à sua pobreza no início de sua vida em Maricá. Estas coisas relacionadas com a expressão irônica do narrador: *A Fortuna os abençoou com a riqueza*. O que pode nos lembrar de Juvenal, no século I d.C., que satiriza o hábito religioso romano de fazer pedidos aos deuses em troca de oferendas, no verso 366: *Nos facimus, Fortuna, deam caeloque locamus, Nós, apenas nós, te tornamos deusa, ó Fortuna, e te colocamos nos céus*. Diz o narrador: *A gente local não falou de outra cousa naquele e nos dias seguintes*. Inclusive, o ato religioso foi batizado como *a missa do coupé*. E adiante continua comentando sobre a pratinha de Natividade: *Que o motivo da pratinha de natividade deita à caixa das almas fosse pagar a adoração do defunto não digo que sim, nem que não: faltam-me pormenores*). *Mas pode ser que sim, porque esta senhora era não menos grata que honesta*. Ou seja, pela admiração de João de Melo à sua beleza feminina.

No capítulo V, traz à tona uma explicação sobre possíveis contradições. Tomemos aqui a da missa, sobre a qual o narrador põe em contraste o luxo, o requinte e a pobreza, o curso da vida sem qualquer possibilidade de mudança, reunindo-os como sinal de homenagem: *Propriamente vestiram-se para o céu. O luxo do casal temperava a pobreza da oração; era uma espécie de homenagem ao finado. Se alma de João de Melo os visse de cima, alegrar-se-ia do apuro em que eles foram rezar por um pobre escrívão. Não sou eu que o digo; Santos é que o pensou*.

No capítulo seguinte, Natividade ainda reclamaria das pulgas, antes tivessem ido à igreja de S. Francisco de Paula ou à da Glória, com a vantagem de serem mais e, importante, limpas. Justamente, revelou ao marido a sua gravidez quando estava de volta desta igreja de S. Domingos, no mesmo *coupé*.

O conselheiro Aires, no capítulo XIV, termina por ensinar àqueles que se posicionaram como mestres. Na verdade, aqui Machado encenou uma enunciação do próximo capítulo, o XV, *Teste David cum Sybilla*, que é um verso de um hino medieval *O Dia da Ira*, cantado em missa dos mortos, atribuído a Tomás Celano. Como se deu no capítulo XIV, o conselheiro Aires estava de saída e diplomaticamente se desculpou dizendo que *Verdades eternas pedem horas eternas...*, temos aí a possível recusa de participação de Aires. Esta recusa poderia significar o ceticismo, porque o conselheiro ainda insinua que *Antes de nascer, crianças não brigam...* Ensarihou Aires múltiplas possibilidades interpretativas para o fato de os irmãos brigarem no seio materno, sem que a humanidade pudesse desvendar por impedimento intencional do Divino, mas a briga de Esaú e Jacó sabe-se a causa do conflito: a primogenitura. Mas hoje a primogenitura só tem valor simbólico, *sem outra vantagem social ou política*. Quando, entretanto, o conselheiro chegou à possibilidade da razão ser instintiva *se as crianças se destinarem a galgar os altos deste mundo*, acendeu imediatamente o interesse do Santos, que ao ouvir isso, lembrou-se logo de *cousas futuras*.

Ora, o capítulo XV, será de encontrar a verdade sobre o mistério enunciado pela cabocla do Morro do Castelo. Note-se as encenações como abrir uma *Bíblia, encadernada em couro, com grandes fechos de metal*. Na passagem da *Epístola do Apóstolo Paulo aos Gálatas*, buscou o capítulo II, versículo 11, em que o apóstolo

conta que, indo a Antioquia, onde esta S. Pedro, ‘resistiu-lhe na cara’. Ironicamente, o narrador ressalta que Santos, heurísticamente, descobriu valor significativo até no fato dos algarismos 1 e 1, que seriam *um número gêmeo, não lhe parece?* Pergunta ele ao guia espiritual, o Plácido, a quem Santos prometeu à Natividade consultar sobre a briga dos gêmeos e sobre *as cousas futuras*. O narrador enfatiza um outro *elo íntimo: Briga, Pedro e Paulo(...)* Até que em dado momento: *Santos foi mais fundo: não seríamos dois meninos os próprios espíritos de S. Pedro e de S. Paulo, que renasciam agora, e ele, pai dos dois apóstolos? ...*

4 – Conclusão

O samba-enredo do Grêmio Recreativo Escola de Samba União da Ilha, em 1978, “O Amanhã”, composição de Maria Augusta Rodrigues, é um texto poético. Dá conta também dessa mesma ansiedade do Santos e Natividade sobre *cousas futuras*.

Eis a letra:

A cigana leu o meu destino
 Eu sonhei
 Bola de cristal, jogo de búzios, cartomante
 Eu sempre perguntei
 O que será o amanhã?
 Como vai ser o meu destino?
 Já desfolhei o mal-me-quer
 Primeiro amor de um menino
 E vai chegando o amanhecer
 Leio a mensagem zodiacal
 E o realejo diz
 Que eu serei feliz
 Como será o amanhã
 Responda quem puder (bis)
 O que irá me acontecer
 O meu destino será como Deus quiser

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

A BÍBLIA SAGRADA – ANTIGO E NOVO TESTAMENTO. Traduzida para o português por João Ferreira de Almeida. Barueri – SP: 1992.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. Petrópolis: Vozes, 1986. 3 v.

_____. *Dicionário Mítico-etimológico da Mitologia Grega*. Petrópolis: Vozes, 1992. Vols.I-II.

_____. *Dicionário Mítico-etimológico da Mitologia e da Religião Romana*. Petrópolis, Vozes, 1993.

CASSIRER, Ernst. *Linguagem e Mito*. Trad. de J. Guinsburg e M. Schnaiderman. São

paulo: Perspectiva, 2003.

CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire Étymologique de la langue Grecque*. Paris: Klincksieck, 1999.

CHEVALIER, J. & GHEERBRANDT, A. *Dicionários de Símbolos*. Trad. Vera Silva, Raul de Sá Barbosa, Angela Melim e Lúcia Melim. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

ERNOUT, A. & MEILLET, A. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine: Histoire de Mots*. Paris: Klincksieck, 1985.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Esau e Jacó*. São Paulo: Ática, 1977.

_____. *Contos*. São Paulo: Cultrix, 1961.